

As práticas educacionais presentes no romance *Torto arado* segundo a teoria de Paulo Freire

Rafaela da Costa Souzaⁱ 

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

Tania Vicente Vianaⁱⁱ 

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

1

Resumo

A história do romance *Torto arado* (VIEIRA JUNIOR, 2019) acompanha as vivências das irmãs Bibiana e Belonísia. A partir da construção de uma escola na comunidade em que viviam, apresentam-se duas formas de ver a educação e duas concepções de ensino. Enquanto Belonísia não encontrava sentido nas atividades propostas pela professora, Bibiana compreendia a educação como um meio de libertação. Esses cenários podem ser relacionados à teoria de Paulo Freire. Assim, o objetivo deste artigo é analisar as situações, presentes no livro *Torto arado*, que ilustram os exercícios da educação bancária e da educação libertadora. Seguimos uma abordagem qualitativa, com caráter teórico-bibliográfico, utilizando como fonte os relatos escritos no romance supracitado, em diálogo com os conceitos apresentados na obra *Pedagogia do oprimido* (FREIRE, 2021). Essa analogia reforça a importância do legado freireano, demonstrando suas contribuições para a educação, principalmente em relação ao desenvolvimento da consciência crítica para a emancipação humana.

Palavras-chave: Torto arado. Paulo Freire. Educação bancária. Educação libertadora.

The educational practices present in the novel *Torto arado* according to Paulo Freire's theory

Abstract

The story of the novel *Torto arado* (VIEIRA JUNIOR, 2019) follows the experiences of the sisters Bibiana and Belonísia. From the construction of a school in the community where they lived, two ways of seeing education and two conceptions of teaching are presented. While Belonísia saw no meaning in the activities proposed by the teacher, Bibiana understood education as a means of liberation. These scenarios can be related to Paulo Freire's theory. Thus, the purpose of this article is to analyze the situations, presented in the book *Torto arado*, that illustrate the exercises of banking education and liberating education. We followed a qualitative approach, with a theoretical-bibliographic character, using as a source the reports written in the aforementioned novel, in dialogue with the concepts presented in the book *Pedagogy of the oppressed* (FREIRE, 2021). This analogy reinforces the importance of Freire's legacy, demonstrating its contributions to education, especially in relation to the development of critical consciousness for human emancipation.

Keywords: Torto arado. Paulo Freire. Banking education. Liberating education.

1 Introdução

2

A narrativa do romance *Torto arado* (2019) se desenvolve na cidade fictícia de Água Negra, localizada no interior da Bahia. Escrito por Itamar Vieira Junior (1979 –), o livro expõe as desigualdades da sociedade rural brasileira, revelando uma história, tão real quanto atual, de violência, exploração e luta; história de “[...] um Brasil negro, subalternizado, oprimido e não reconhecido em sua dignidade e cidadania” (TENÓRIO, 2020, on-line).

Os homens e mulheres que chegavam à Água Negra em busca de morada eram, em sua maioria, negros, descendentes de escravizados. Não recebiam salário, apenas um pedaço de chão, que não lhes pertencia, cedido em troca de trabalho. Sobre esse chão, podiam ter um pequeno roçado, desde que entregassem parte da produção e não se “[...] desviassem da necessidade de trabalhar para o dono da fazenda, afinal, era para isso que se permitia a morada” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 41). Também era assentida a construção de uma casa de barro, feita para ruir com o tempo, reforçando a fragilidade da permanência deles naquela terra.

Tendo esse contexto como pano de fundo, a narrativa acompanha as vivências de duas irmãs, Bibiana e Belonísia – filhas de Salustiana, parteira, e Zeca Chapéu Grande, líder comunitário e espiritual de Água Negra. Na infância, Belonísia teve sua língua amputada em um acidente, fato que marcou profundamente a vida de ambas, determinando uma relação que se alternava entre a complementariedade e a oponência. Enquanto a primeira irmã se tornou professora, a segunda descobriu nos sons do mundo a sua voz.

“Os personagens de *Torto arado* escancaram que a linguagem veio antes da língua, e que essa linguagem – multiforme e política – registra sentidos e constrói a educação” (PEREIRA; FARIA, 2021, p. 253, grifo do autor). Tal educação não se restringe à sala de aula: está presente nas experiências dos indivíduos com a terra e em suas observações do mundo. Entretanto, a construção de uma escola em Água Negra foi um marco para os moradores. O acesso à educação formal, notadamente

quando Bibiana assumiu o cargo de professora, possibilitou que tomassem “[...] consciência da condição de exploração em que viviam e da necessidade de lutarem por seus direitos, por justiça e uma vida digna” (CORSINI, 2021, p. 116).

A maneira como as práticas educativas são apresentadas no livro nos remetem às propostas de Paulo Freire (1921-1997). Assim, o objetivo deste artigo é analisar as situações, presentes no romance *Torto arado*, que ilustram os exercícios da educação bancária e da educação libertadora. Para tanto, o presente estudo segue uma abordagem qualitativa, com caráter teórico-bibliográfico, utilizando como fonte os relatos escritos no romance supracitado, em diálogo com os conceitos e proposições apresentados na obra *Pedagogia do oprimido* (FREIRE, 2021).

Este artigo contribui para a compreensão e valorização da obra freireana ao evidenciar alguns de seus conceitos, discutindo-os a partir de exemplos que, embora retirados de uma história fictícia, estão imbuídos de realidade. Tal discussão está organizada da seguinte maneira: a princípio, é apresentado um panorama da visão de Paulo Freire sobre a estrutura social e a divisão de classes (opressores x oprimidos). Depois, os conceitos de educação bancária e de educação libertadora são explorados e relacionados com trechos do livro *Torto arado*. Por fim, seguem as considerações finais.

2 Liberdade não se doa, se conquista: por uma pedagogia do oprimido

Estado de opressão, para Paulo Freire (2021), refere-se à exploração do homem por outros homens, alicerçada no modo de produção capitalista. Em tal sistema, a sociedade se encontra dividida em classes antagônicas (opressores x oprimidos), com acesso a direitos e recursos de modo desigual e injusto.

Conforme esse entendimento, a opressão se nutre da morte, da debilidade, da miséria e da ignorância. Não importa ao opressor que os oprimidos tenham uma compreensão crítica da realidade. “O que lhe interessa, pelo contrário, é a permanência deles em seu estado de imersão, em que se encontram impotentes em face da realidade opressora, como situação limite, que lhes parece intransponível” (FREIRE, 2021, p. 54).

Diante de tal conjuntura, Freire (2021) defende que a luta pela libertação não pode partir senão dos oprimidos, assente no reconhecimento dessa condição e no compromisso e responsabilidade na busca pela práxis. Além disso, atesta que se libertar “[...] do estado de opressão é uma ação social, não podendo, portanto, acontecer isoladamente” (MEDEIROS, 2017, on-line). Como ser social, o homem necessita da ajuda de outros homens para que, juntos, possam ser livres.

De que modo, no entanto, os homens podem se libertar da opressão se aqueles que deveriam ensiná-los também os oprimem? Freire (2021) apela aos educadores para que tenham consciência de seu papel e da função da educação como vetor de mudança da realidade opressora. Nesse sentido, apresenta duas concepções de ensino, cujas práticas pedagógicas refletem a conjuntura político-social a qual se alinham.

A primeira é a *educação bancária*, voltada para a manutenção do sistema vigente e de suas práticas de dominação. A segunda é a *educação libertadora*, empenhada em florescer a consciência crítica dos oprimidos, de modo que tenham condições de lutar por sua libertação. Dessa forma, a filosofia de ensino e a metodologia escolhida pelo educador, de modo consciente ou não, podem favorecer ou dificultar o processo de humanização de seus educandos (FREIRE, 2021).

Alinhado à educação libertadora, esse autor fomenta a ideia de que é preciso pensar em uma *pedagogia do oprimido*, “[...] forjada com ele e não para ele, enquanto homens ou povos” (FREIRE, 2021, p. 43, grifo do autor). Essa pedagogia, através do estímulo à consciência crítica, é um caminho para a transformação social. “Se os homens são os produtores da realidade e se esta, na ‘inversão da práxis’, se volta sobre eles e os condiciona, então alterar a realidade opressora é tarefa histórica, é tarefa de homens e mulheres” (MEDEIROS, 2017, on-line). Assim, a pedagogia do oprimido é a pedagogia daqueles que lutam por sua humanização.

Como exemplo do ponto de vista dos oprimidos acerca da realidade social e de sua luta pela libertação, citamos o romance *Torto arado*. Entre as “[...] mazelas, a que eram relegadas as famílias [de Água Negra], podem-se destacar a dificuldade de acesso à saúde, a violência e a exclusão à educação formal” (PEREIRA; FARIA,

2021, p. 250). A construção da escola foi uma grande conquista para aquela comunidade, carente de tudo, embora não garantisse mais que a educação primária.

A princípio, a escola não trouxe grandes mudanças; ao contrário, as aulas provocavam desencantamento – a postura da professora, Dona Lourdes, e a metodologia que ela aplicava se ancoravam na educação bancária. Esse cenário só foi alterado quando Bibiana assumiu o papel de educadora.

No decorrer da história, Bibiana e Severo, seu primo e esposo, vão adquirindo consciência de si como classe oprimida e instruindo os moradores acerca da situação miserável em que viviam. Quando Bibiana descobre que está grávida, Severo propõe que fujam e procurem trabalho na cidade. Essa saída será fundamental para que o casal adquira consciência crítica. Severo, ao se aproximar do sindicato de trabalhadores rurais, e Bibiana, ao concluir o Magistério e se tornar professora, percebem-se como cidadãos portadores de direitos.

Ao retornar à Água Negra, o casal, visando à autonomia da comunidade, dedicou-se à luta através da práxis – ação pautada no entendimento de que liberdade não se doa, se conquista. Com solicitude, conseguiram despertar a consciência crítica de muitos moradores. Indo de casa em casa ou nos caminhos para a roça, Severo explicava as razões do sofrimento e da precariedade do trabalho que realizavam na fazenda. Enquanto isso, Bibiana, na posição de educadora, próxima às práticas de uma educação libertadora, instruía as crianças.

Nas seções a seguir, discutiremos de maneira mais detalhada os conceitos de educação bancária e de educação libertadora, ilustradas a partir das experiências suscitadas, respectivamente, por Dona Lourdes e Bibiana.

3 Educação bancária: como definir o vento?

Meu pai olhava para mim e dizia: ‘O vento não sopra, ele é a própria viração’, e tudo aquilo fazia sentido. ‘Se o ar não se movimenta, não tem vento, se a gente não se movimenta, não tem vida’. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 99).

O que é o vento? Para Zeca Chapéu Grande, é o exato movimento da vida. Por que ouvir sobre massas de ar e fenômenos meteorológicos, em sala de aula,

enquanto o vento brinca do lado de fora? Há professores que acreditam que, por desconhecerem os termos científicos adequados, seus alunos não sabem o que é o vento. Parecem ignorar que os educandos sentem a brisa no rosto a caminho da escola e desejam que a aula termine para senti-la novamente. Não percebem que a “[...] leitura do mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 1989, p. 9).

Belonísia não via utilidade para o que aprendia com Dona Lourdes. Ao contrário de sua irmã, que sonhava em ser professora, preferia estar na roça, com o pai, ou na cozinha, com a mãe, que ir à escola. Já sabia ler e escrever e, para ela, era o suficiente. À professora, preocupava mais transmitir o conteúdo, de maneira mecânica, que relacioná-lo com as experiências dos estudantes.

Dona Lourdes [...] era alguém colocada a serviço de uma política ruralista, interessada no efeito plástico e apaziguador de se ter – enfim – uma professora por aquelas bandas [...] silenciando uma possível resistência. Não é de se estranhar a rejeição do conhecimento escolar por Belonísia – atada de maneira tão urgente à necessidade do viver e do plantar. (PEREIRA; FARIA, 2021, p. 251-252).

A postura assumida por Dona Lourdes pode ser apoiada no conceito de educação bancária, teorizado por Paulo Freire (2021). Para esse autor, a educação bancária se refere às práticas de ensino que se pautam em transmitir ideias prontas e “depositar” informações, em uma relação vertical entre docentes e discentes.

Nessa concepção, a função do professor é “[...] ‘encher’ os educandos com os conteúdos de sua narração” (FREIRE, 2021, p. 79), conduzindo-os a um estado de inércia mental. Aos alunos, cabe o papel de ouvinte, devendo memorizar e repetir o que está sendo “ensinado”, mesmo que não faça sentido para eles.

A narração os transforma em ‘vasilhas’, em recipientes a serem ‘enchidos’ pelo educador. Quanto mais vá ‘enchendo’ os recipientes com seus ‘depósitos’, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente ‘encher’, tanto melhores educandos serão. Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante. (FREIRE, 2021, p. 80).

Os conteúdos são fragmentos de uma realidade estática e compartimentada, desvinculados das vivências dos educandos e convertidos em matéria quase sem

vida. Não há espaço para a curiosidade, a busca, a consciência crítica, a criatividade, o saber e nem a transformação do mundo. Sob essa ótica distorcida, a educação se torna uma prática de dominação, que visa estimular a ingenuidade e adaptar os indivíduos à ordem social vigente.

Os que não se ajustam a essa mecânica são marginalizados, compondo o grupo dos “rebeldes” e/ou “incapacitados”, que, não raro, evadem da escola, como no caso de Belonísia. Para ela, Dona Lourdes escrevia palavras difíceis e falava sobre eventos irreais (como a harmoniosa mistura e convivência racial), ao passo que desconhecia a rotina do campo, as dores e lutas do povo. À Belonísia não interessava fantasias; ela desejava aprender sobre o mundo, na companhia de seu pai, como afirma no trecho a seguir:

Poder estar ao lado de meu pai era melhor do que estar na companhia de dona Lourdes, com [...] suas histórias mentirosas sobre a terra. Ela não sabia por que estávamos ali, nem de onde vieram nossos pais, nem o que fazíamos; em suas frases e textos só havia histórias de soldado, professor, médico e juiz. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 99).

Com Zeca Chapéu Grande, aprendia sobre raízes, ervas, as fases da lua, a prever a chuva pela mudança das nuvens, o que era o vento... O que seu pai lhe dizia, tinha lógica. Ela sentia na pele as lições do mundo e entendia que o conhecimento, assim como a vida, precisa estar em movimento. Belonísia, que tinha perdido a língua, redescobriu sua fala; não em sala de aula, mas nos sons da natureza. Por isso, abandonou a escola.

A curiosidade ingênua que Belonísia tinha sobre o mundo a movia. Esse interesse podia ter se transformado em uma curiosidade epistemológica. Porém, tal transição não ocorre de maneira automática, é preciso haver estímulos, como por exemplo, na conjuntura de uma educação libertadora.

4 Educação libertadora: um ato de amor, humildade, fé, esperança e criticidade

Sob influência do pai, Bibiana concluiu o Magistério e se tornou professora. Zeca Chapéu Grande não tinha a instrução das letras, mas era um homem sábio e

um espelho para as filhas. Ele foi líder comunitário e espiritual para o povo de Água Negra – dominava o conhecimento das ervas, da terra, dos males do corpo e do espírito. O valor que Zeca dava à educação formal iluminou a sorte de Bibiana.

Seu retorno à Água Negra, como professora, representa a “[...] travessia de um limiar – uma protagonista no magistério. Não temos mais [...] uma personagem secundária, mas uma heroína no tablado. Alguém que ensina História com a autoridade de pertencer àquele lugar” (PEREIRA; FARIA, 2021, p. 252). A prática de ensino de Bibiana difere da de Dona Lourdes e pode ser vista como um exemplo de educação libertadora, segundo o conceito de Paulo Freire (2021).

A educação libertadora é um ato cognoscente e político, em que, conforme Libâneo (1986, p. 33), “[...] professores e alunos, mediatizados pela realidade que apreendem e da qual extraem o conteúdo de aprendizagem, atingem um nível de consciência dessa mesma realidade, a fim de nela atuarem, num sentido de transformação social”. Em tal prática, a relação entre docentes e discentes é horizontal: não há uma hierarquia de saberes e sim uma participação conjunta entre os sujeitos, que são, ao mesmo tempo, educadores e educandos.

De encontro à educação bancária, o método freireano não se fundamenta na repetição de palavras, mas no diálogo. É através do diálogo – como um ato de amor, humildade, fé, esperança e criticidade – que a palavra adquire um valor de transformação, do mundo e dos homens.

Sem diminuir a importância do educador, o principal agente dessa prática pedagógica é o educando. Ao invés de “depósitos”, prontos a serem “enchidos” com assuntos predeterminados, os educandos assumem o protagonismo junto aos educadores, tornando-se investigadores críticos. Na educação libertadora, o conteúdo se baseia em questões sociais – que precisam ser superadas – presentes na realidade dos discentes. Tais problemas se convertem em temas geradores, que são discutidos através do diálogo e promovem, assim, a aprendizagem.

A realidade se torna objeto de reflexão, apta a ser transformada. À medida que os alunos ampliam sua visão de mundo, passam a pensar e atuar de forma autêntica. Essa conjuntura os leva a perceber que “[...] uma das bonitezas de nossa

maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de, intervindo no mundo, conhecer o mundo” (FREIRE, 1996, p. 16).

Traçando um paralelo com *Torto arado*, observamos que Bibiana lecionava tendo como centralidade o povo negro: as vivências das pessoas que moravam na comunidade e as lutas de seus antepassados. Ela incutiu no coração de seus educandos o orgulho de suas origens, a consciência crítica, a percepção da realidade opressora em que viviam e o desejo de romper com a sina que lhes impuseram; como podemos observar na seguinte citação:

As crianças ficavam atentas, não sabiam que havia uma história tão antiga atrás daquelas vidas esquecidas. Uma história triste, mas bonita. E passavam a entender por que ainda sofriam com preconceito no posto de saúde, no mercado ou nos cartórios da cidade. Onde lhes apontavam, dizendo: ‘olha o povo do mato’ ou ‘negrinhos da roça’. Compreendiam por que tudo aquilo não havia terminado. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 243).

Bibiana e Severo conduziram muitas pessoas do povoado a recuperarem suas histórias e a questionarem as práticas de dominação, inclusive Belonísia. Belonísia não desprezava a educação formal, apenas a experiência que teve com Dona Lourdes. Quando sua irmã retornou à fazenda, com o marido e os filhos, ela passou a ouvir, atentamente, cada palavra que diziam e a ler os livros que trouxeram. Assim, foi tomando gosto pela leitura.

O conhecimento que Bibiana possuía em História era mínimo: seu saber vinha mais de suas vivências que de um ensino formal. Para ela, a história de seu povo se apresentava através da terra e do sangue. “É esse sangue, essa terra, que lhe fornece o capital para a transmissão do saber” (PEREIRA; FARIA, 2021, p. 252). Foram nesses elementos que ela descobriu a força para lutar e sua luta despertou, nas mentes e corações dos moradores de Água Negra, o desejo de liberdade.

4 Considerações finais

Entre as questões sociais evidenciadas no romance, a escola se apresenta como uma instituição capaz de promover mudanças. O livro ilustra duas formas de

enxergar a educação e duas concepções de ensino, que podem ser analisadas a partir da teoria presente na obra *Pedagogia do oprimido*, de Paulo Freire (2021) – proposta que constituiu o objetivo deste artigo.

A primeira perspectiva se aproxima do conceito de educação bancária: sob a ótica de Belonísia, ir à aula era uma perda de tempo, uma vez que ela não via sentido nas atividades propostas por Dona Lourdes. A segunda pode ser relacionada à educação libertadora: conforme o entendimento de Bibiana, o conhecimento poderia promover a transformação social. Quando assumiu o posto de professora, em Água Negra, pudemos contemplar a beleza do método freireano: ela despertou a consciência crítica de seus educandos, os fez ter orgulho de suas origens e incutiu neles o desejo de libertação.

Discorrer sobre os conceitos de Paulo Freire não é uma missão simples, dada a complexidade de sua obra. Todavia, há uma centelha que acompanha suas palavras: o comprometimento com uma pedagogia dos oprimidos. Amparada na teoria desse autor, a leitura do livro *Torto arado* se torna um movimento de consciência para os educadores sobre a postura que desejam assumir, em uma sociedade ainda opressora. Essa analogia reforça a importância da obra freireana, demonstrando suas contribuições para a educação, principalmente em relação ao desenvolvimento da consciência crítica para a emancipação humana.

Referências

CORSINI, L. *Torto Arado e o encontro com o Brasil profundo*. **Nova Perspectiva Sistêmica**, v. 30, n. 70, p. 114-117, 2021.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 80. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

LIBÂNEO, J. C. **Democratização da escola pública**: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

MEDEIROS, A. M. Pedagogia do Oprimido. **Sabedoria política**, fev. 2017. Disponível em: <https://www.sabedoriapolitica.com.br/products/pedagogia-do-oprimido-resenha-critica/>. Acesso em: 10 jul. 2022.

PEREIRA, M. F.; FARIA, G. Escola em *Torto Arado*: um retrato literário da importância do aprender libertador de Paulo Freire. **Revista Ed. Popular**, Uberlândia, Edição Especial, p. 247-258, set. 2021.

TENÓRIO, G. Torto Arado, Brasil torto. **BBK**: Bar da baixa cultura, out. 2020. Disponível em: <https://bardabaixakultura.wordpress.com/2020/10/21/torto-arado-brasil-torto/>. Acesso em: 02 jul. 2022.

VIEIRA JÚNIOR, I. **Torto arado**. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2019.

ⁱ **Rafaela da Costa Souza**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2989-5704>

Universidade Federal do Ceará; Faculdade de Educação; Programa de Pós-Graduação em Educação.

Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará e mestranda em Educação pela mesma instituição.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2089506045669505>

E-mail: rca.rafaeladacosta@gmail.com

ⁱⁱ **Tania Vicente Viana**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1749-6466>

Universidade Federal do Ceará; Faculdade de Educação; Programa de Pós-Graduação em Educação.

Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará, mestre e doutora em Educação pela mesma instituição. Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8414664745533930>

E-mail: coordenadorataniaviana@gmail.com

Editora responsável: Karla Colares Vasconcelos

Como citar este artigo (ABNT):

SOUZA, Rafaela da Costa; VIANA, Tania Vicente. Ensino em Perspectivas, Fortaleza, v. 3, n. 1, 2022.